

RELATÓRIO DE UMA VISITA DE ESTUDO A PARIS, reformulado EM PALESTRA REALIZADA, NA LCJD, EM 03-11-1974

POR

ISIDRO E. RODRIGUES

A Direcção da Liga de Cegos João de Deus, e muito principalmente o seu Presidente, Dr. Raul Almeida Capela, empenhou-se (desde as eleições dos Corpos Gerentes realizadas em Março do ano em curso) em fazer deslocar a Paris um grupo constituído por sócios que, em princípio, deveriam saber expressar-se no idioma francês e, especialmente, compreender os interlocutores que lhes falassem nesta língua, e por alguns directores que tinham a responsabilidade de velar pelo bom êxito desta iniciativa. O grupo, ao deslocar-se a França, tinha por missão visitar as instituições que têm como objectivo fundamental a preparação para a vida em sociedade dos indivíduos atingidos pela deficiência visual, e, tanto quanto possível, tomar conhecimento da forma como têm sido solucionados os problemas concernentes às pessoas deste segmento social, sejam eles de ordem escolar, de formação profissional, de reabilitação, de integração social, de segurança social, ou de carácter cultural.

Para levar a bom termo esta iniciativa, a Direcção da LCJD decidiu entrar imediatamente em contacto com os Transportes Aéreos Portugueses, para que esta companhia de aviação nos concedesse gratuitamente doze passagens de ida e volta, e, ao mesmo tempo, para que esta viagem fosse coroada de êxito, procurou, por todos os meios ao seu alcance, o inestimável apoio da Associação Valentin Haüy e também o do Banco Franco-português, em Paris.

Tudo se processou de forma tão reconfortante que, certamente, a Direcção da LCJD fará esforços para, à semelhança deste ano, se realizarem outras viagens.

Os Transportes Aéreos Portugueses não só nos concederam as passagens solicitadas, como também, graças à intervenção da Vice-Presidente, Dr.a Raquel Granadeiro, prestaram um precioso apoio, pondo à nossa disposição, tanto em Lisboa como em Orly, os serviços das suas funcionárias. Quanto ao Banco Franco-Português, este assegurou-nos o transporte gratuito de Orly até ao hotel onde ficámos instalados e, no regresso, deste até ao aeroporto referido.

A partida para Paris teve lugar no dia 14 de Setembro do ano corrente, cerca das 11 horas, e nesse mesmo dia, às 17 horas, fomos recebidos, na Associação Valentin Haüy, pela sua Assistente Social, Mademoiselle Forest, e pelo seu Secretário Geral, Monsieur Schneider, que se mostraram, durante a nossa estada na capital francesa, verdadeiramente acolhedores, não regateando esforços a fim de nos proporcionarem as condições necessárias ao melhor aproveitamento da oportunidade que nos era proporcionada.

Neste primeiro contacto, Mademoiselle Forest comunicou-nos que a Direcção da Associação Valentin Haüy havia decidido oferecer-nos a possibilidade de almoçarmos e jantarmos gratuitamente na cantina desta instituição, sempre que o desejássemos, e que

as deslocações constantes no programa seriam feitas em carrinha paga pela própria associação.

Tudo isto constituiu, logo de início, uma agradável surpresa. Ia contra tudo o que de melhor se pudesse prever neste capítulo, já que os elementos do grupo iam perfeitamente conscientes de que teriam de ter a seu cargo todas as despesas inerentes à sua alimentação e estada em Paris. A todos havia sido assegurado, ainda em Lisboa, apenas a viagem do nosso aeroporto até ao hotel em Paris e, no regresso, deste até ao local de partida.

Mademoselle Foresst deu-nos também conhecimento do programa que ela própria havia elaborado. Neste, constavam, por um lado, uma viagem através do Sena, num *bateau mouche* (que para nós foi muitíssimo agradável e útil, pois que, através dos autofalantes do próprio bateau, nos era indicada a localização dos edifícios e monumentos que ladeiam o percurso), e uma visita ao *Museu Rodin* (realizada no dia em que este estava fechado ao público, para que, deste modo, todos pudéssemos apalpar sem limites de tempo, e, tanto quanto possível, minuciosamente, as estátuas expostas), e, por outro, visitas, não só à *Associação Valentin Haiiy*, mas também ao *Institut Départemental* (que é uma escola oficial), ao *Institut des Jeunes Filles Aveugles* (que, ao contrário da anterior, é um estabelecimento de ensino de carácter privado), ao *Centre de Formation Professionnelle* (no boulevard de Belville), ao único centro francês de Reabilitação (que se localiza em Marly), e ao *Institut des Jeunes Aveugles* (estabelecimento oficial onde os jovens deficientes visuais frequentam, não só o curso liceal, mas também diversos cursos médios de música).

Assim, tivemos praticamente o tempo todo ocupado em visitas de estudo, desde segunda até Sexta-feira, inclusive.

Estes cinco dias foram de intenso trabalho, não havendo, no entanto, razão para do facto nos lamentarmos, visto que, para além de tudo se ter processado dentro do melhor espírito de bom entendimento e simpatia, os frutos colhidos aproveitarão, não apenas aos elementos da nossa colectividade que se deslocaram nesta missão, mas igualmente às pessoas, sejam elas ou não sócias da Liga, que, porventura, venham a conhecer a realidade plasmada neste relatório.

Esta visita de estudo, realizada na capital francesa, de 14-a-22 de Abril de 1974, possibilitou-nos ter hoje uma panorâmica geral de tudo o que se realiza no âmbito da escolarização dos deficientes visuais (escolarização que só a partir de 1975 será obrigatória), no domínio da sua formação profissional, da sua reabilitação, e da colocação dos mesmos, após preparação sólida e eficaz, quer no funcionalismo público, quer em empresas de carácter privado, que por lei são obrigadas a aceitar, como seus empregados, pessoas deficientes que ocupem até 10% dos lugares existentes. Em França, como foi dito atrás, a escolaridade não é ainda obrigatória para os deficientes visuais; contudo, as instituições que combatem o analfabetismo são em número mais que suficientes para o fazer com eficiência, pois em idade escolar existe, neste país, um número de crianças com deficiência visual, inferior ao da capacidade total das escolas.

*Durante a nossa estada em Paris, dos 22 estabelecimentos de ensino básico, espalhados por todo o território nacional, tomámos contacto directo com dois deles — o *INstitut Départemental des Aveugles*, que é um dos 4 estabelecimentos oficiais, dependentes do *Ministério de la Santé Publique*, e o *Institut des Jeunes Filles Aveugles*, que é, tal como os restantes 17, uma instituição de carácter privado subvencionada pelo Estado.*

Estes dois estabelecimentos de ensino, bem como os que se espalham por todo o país, são frequentados apenas por alunos deficientes visuais, ou seja, por todos aqueles que tenham, depois de feitas todas as correcções possíveis, um grau de visão inferior a um vinte avo, e já não pelos amblíopes, os quais se encontram, neste país, bastante desprotegidos, ao contrário das pessoas cegas, que usufruem actualmente de amplas regalias consignadas na Lei vigente. Assim, os amblíopes — indivíduos cujo grau de visão oscila entre um vinte avo e quatro décimos da visão normal —, estão, em França, em posição desfavorável, já que, por um lado, não têm direito ao que é concedido legalmente às pessoas afectadas por esta deficiência, e, por outro, não são colocados em pé de igualdade com as pessoas de acuidade visual normal.

O Institut Départemental des Aveugles e o Institut des Jeunes Filles Aveugles recebem alunos considerados legalmente deficientes visuais, não só de França, mas também de outros países que, ao abrigo de acordos firmados, têm direito à educação e à segurança social que o Estado Francês garante a todos os cidadãos.

O primeiro instituto citado é presentemente frequentado por 170 alunos e, num centro de trabalho (uma espécie de oficinas protegidas), onde os não dotados, quer intelectual quer manualmente, ficam até atingirem a idade de reforma, laboram 150 operários.

É de referir ainda que este instituto tem um lar em anexo, onde alberga 130 pessoas com deficiência visual, e que ao seu serviço tem 90 funcionários, sendo 21 dos quais professores.

O segundo instituto referido não se limita a proporcionar às suas alunas apenas a instrução primária (ao contrário do que acontece com o primeiro), mas vai mais além, permitindo-lhes frequentar os primeiros quatro anos do liceu, ou seja, o primeiro ciclo. Às que não frequentam o liceu, por lhes faltarem os dotes intelectuais necessários ou por terem entrado no instituto já tardiamente, é dado um curso de actividades diárias, onde aprendem a cozinhar, engomar, costurar, lavar roupa, um pouco de matemática prática, dactilografia, etc.

Refira-se também que, para as menos favorecidas intelectual e manualmente, existe também aqui um lar que as acolhe durante toda a sua vida.

Qualquer criança deficiente visual, pelos 4, 5 anos, começa a frequentar o jardim-escola de qualquer destes estabelecimentos. Neste, as crianças tomam contacto, pouco-a-pouco, com uma série de objectos e jogos que, normalmente, são os de que as educadoras de infância dispõem nas escolas para crianças com um grau de visão considerado normal. Aqui adquirem um grande desenvolvimento, quer na forma de se exprimir verbalmente, quer na de compreender; quer na destreza de movimentos, sejam eles manuais ou de outro tipo qualquer. Nos seus espíritos infantis formam-se os esquemas básicos que lhes vão permitir uma fácil adaptação às matérias que na instrução primária lhes vão ser dadas a conhecer.

Aos 6 anos, as crianças começam propriamente a sua instrução primária, a qual se processa do modo seguinte: dos 6 aos 7 anos, a frequência do curso preparatório; dos 7 aos 9, a do curso elementar; e dos 9 aos 11, a do curso médio.

Nestes primeiros 5 anos de instrução, as crianças com deficiência visual estudam, além das matérias ensinadas nos estabelecimentos para crianças de visão normal, o sistema Braille, pelo qual aprendem a ler e a escrever — primeiro à pauta, por razões que todos presumivelmente conhecem, e, só depois, à máquina Braille; e aprendem ainda dactilografia em máquinas de caracteres normais. A música também não é esquecida; faz parte dos programas das escolas de ensino básico. No Institut des Jeunes Filles Aveugles, por exemplo, ensina-se a todas as alunas, além do solfejo e teoria da música, a tocar piano.

Ao terminarem a instrução primária, os alunos deficientes visuais podem, consoante as suas aptidões, ser encaminhados numa das três direcções:

- 1. Os não dotados intelectual ou manualmente podem entrar em lares, onde lhes é permitido permanecer durante toda a vida, ou em centros de trabalho, onde se não lhes exige muito esforço nem competência;*
- 2. Ingressar (os menos dotados intelectualmente) num dos centros de formação profissional;*
- 3. Frequentar o Institut National des Jeunes Aveugles que, em França, é o único liceu para alunos deficientes visuais.*

Neste estabelecimento de ensino, que é frequentado por alunos de ambos os sexos e que funciona em regime de internato para os que são da província, e em regime de externato para os residentes em Paris, os alunos que revelem qualidades que lhes permitam vir a ser bons músicos (bons executantes, bons compositores, bons mestres) prosseguem os seus estudos neste domínio, vindo, mais tarde, a frequentar os cursos superiores no Conservatório Nacional de Paris, ou no Institut National de Musique.

Quanto aos alunos que seguem os estudos liceais, ao terminarem esta etapa, têm duas opções: ou vão frequentar um curso de formação profissional, ou prosseguem os estudos, ingressando na universidade.

Presentemente, nesta, o número de estudantes com deficiência visual oscila, segundo Monsieur Schneider, entre 50 e 100.

Como se conclui do exposto, em França, a educação das pessoas com deficiência visual tem-se processado em escolas especializadas, separada dos alunos de acuidade visual normal; todavia, hoje os princípios pelos quais se regem os responsáveis pela educação dos indivíduos deficientes visuais, estão em franca mutação. Assim, reconhecendo as desvantagens do anterior sistema de educação, 4 liceus, na província (entre eles, um em Nancy e outro em Toulouse), recebem estudantes com deficiência visual que — apoiados por técnicos especializados — frequentam estes estabelecimentos, em regime de integração. Aqui, alunos com deficiência visual e sem ela assistem às mesmas aulas, têm integralmente as actividades inerentes ao grau de ensino em curso.

Já atrás nos referimos à existência de centros de formação profissional. Estes localizam-se, não só em Paris, mas também na província. São normalmente instituições privadas subvencionadas pelo Estado, onde, como o seu nome indica, se preparam profissionalmente, tanto os indivíduos considerados legalmente cegos como os amblíopes. No Centre de Formation Professionnelle, em Belville, os estagiários são orientados para um dos três ramos de formação aqui existentes, conforme as aptidões que lhes são reconhecidas pela equipa psicotécnica.

Um dos ramos é o oficial, onde os estagiários aprendem a trabalhar com diversas máquinas para, mais tarde, nas fábricas onde forem colocados, desempenharem satisfatoriamente as tarefas que lhes venham a ser confiadas. Um segundo é o da formação de telefonistas, que tem a duração de 12 meses, sendo os 6 primeiros dedicados ao desenvolvimento da leitura e da escrita Braille, e ao ensino de noções básicas para a boa formação de um telefonista, e os outros 6 ao ensino técnico que lhe é próprio. Um terceiro ramo, que, tal como o anterior, existe também na Association Valentin Haüy, é o da formação de estenodactilógrafos, que tem a duração de 18 meses, sendo os 6 primeiros dedicados ao aperfeiçoamento da leitura e da escrita

Braille, bem como à frequência de aulas de francês e de cálculo, e os 12 restantes à inerente aprendizagem técnica.

Na Association Valentin Haüy, bem como em outros centros de formação profissional, existe um outro ramo, que atrai muitos jovens cegos e amblíopes. Os que desejam seguir este ramo (o de massagem e de fisioterapia) têm que ter o curso liceal completo, porque, para exercer cabalmente esta profissão, são exigidos conhecimentos mais vastos do que para se ser telefonista ou estenodactilógrafo. Diga-se que esta exigência Não existe no Centre de Mme Guineau, onde podem ingressar todos os indivíduos cegos ou amblíopes que fiquem aprovados nos rigorosos testes a que são submetidos.

Tem este curso a duração de 4 anos (um a mais do que o das pessoas normovisuais), Sendo o primeiro considerado como um ano preparatório.

A Association Valentin Haüy tem u centro extremamente bem equipado, onde prepara profissionalmente os que querem ser massagistas ou fisioterapeutas. Nele entram, assim como nos outros ramos de formação profissional aí ministrados, apenas formandos que já tenham pelo menos 18 anos de idade.

Cabe aqui mencionar também uma secção que, embora a título experimental, Funciona na Valentin Haüy desde 1970. Neste sector de formação preparam-se as pessoas deficientes visuais que pretendam vir a desempenhar funções de programadores ou de quaisquer outras no campo da informática.

Fora deste sistema de formação profissional, ficam os que adquiriram deficiência visual, já quando adultos, e que, portanto, necessitam de ser recuperados e integrados na sociedade a que pertencem.

Para estes, existe em Marly, um centro de reabilitação (que é único em França), no qual podem, em princípio, entrar, desde que não tenham menos de 18 anos nem mais de 55.

Neste centro, que pertence à Association pour les Aveugles, cada estágio tem a duração de 12 semanas, com 6 aulas diárias. As actividades, aqui, são muito semelhantes às dos nossos centros de reabilitação, havendo, no entanto, uma actividade que reputamos de grande interesse, que, entre nós, não é considerada como importante. A natação (pois é desta actividade que se trata) permite aos deficientes visuais tardios, um autodomínio, uma coordenação de movimentos e um sentido de orientação, bem diferentes dos que se adquirem em terra firme.

Falámos já da educação escolar, da formação profissional e da reabilitação das pessoas deficientes visuais, sem, no entanto, fazermos qualquer referência à preparação de professores e técnicos que desempenham as funções de docentes.

Pelo que nos foi dado conhecer, essa preparação é, em comparação com a que aqui é posta em prática, de excelente nível. Para as escolas onde há alunos com deficiência visual, só vão professores que saibam correctamente ler e escrever Braille; que dominem este sistema, pelo menos, nas vertentes necessárias às matérias que vão leccionar. No liceu entram apenas os professores que, além das habilitações exigidas para outro qualquer liceu, tenham o Certificat d'Aptitude à l'Enseignement des Enfants Inadaptés, e nas restantes escolas, somente os que, além do Baccalauréat, tenham o Certificat d'Aptitude à l'Enseignement Général des Aveugles. Este certificado é concedido aos que tenham frequentado, com bom aproveitamento, um ano de psicologia geral e de pedagogia, e um outro de preparação pedagógica e psicológica adequada ao ensino de alunos com deficiência visual.

Quanto ao facto de estes professores serem normovisuais ou não, não tem fundamental importância. Assim, por exemplo, no Institut National des Jeunes Aveugles, dois terços

dos professores têm deficiência visual, enquanto que, no Institut Départemental, somente um quarto deles a têm. O importante é que todos tenham uma boa formação pedagógica.

Quanto aos técnicos de formação profissional e reabilitação, é-lhes exigido, além dos respectivos diplomas, competência e boa formação pedagógica para ensinar pessoas privadas do sentido da vista.

Sendo a educação, a formação profissional e a reabilitação dos cidadãos com deficiência visual de um elevado preço, uma pergunta se impõe. Quem suporta tais encargos?

Como é natural, em países onde a segurança social é uma realidade, os pais não têm que se preocupar com estes problemas. Assim, em França, um casal que tenha um filho com esta deficiência, receberá do Estado, mensalmente, 300 francos, que é, precisamente, o que as escolas exigem para educar, alimentar e alojar uma criança. A Sécurité Sociale tem a seu cargo a formação profissional e a reabilitação dos cidadãos privados de visão, e, assim, é esta que paga aos centros respectivos os serviços prestados.

Quanto aos estudantes universitários, o problema coloca-se de outro modo. POR norma, estes já atingiram a maioridade, e, nessa medida, não têm que enfrentar problemas de natureza financeira, já que, em França, qualquer pessoa com deficiência visual, desde que tenha atingido a maioridade, recebe do Estado uma pensão de cegueira, a qual, se não existirem outros recursos, atinge mensalmente o quantitativo de 1500 francos. Além deste verdadeiro ordenado, os estudantes universitários com deficiência visual recebem sempre a bolsa de estudo que, em casos normais, só aos mais necessitados é concedida, têm alojamento em lares da universidade, por vezes, é-lhes oferecido pela Valentin Haiiy, não só um gravador como também uma máquina Braille. Além do referido, esta associação presta-lhes ainda um outro precioso auxílio: coloca à sua disposição todos os livros escritos em Braille que já incorporam os seus acervos bibliográficos, bem como os gravados em disco, em fita magnética ou em cassete, e, sempre que possível, escreve e grava livros que estes estudantes solicitem.

Para que as pessoas deficientes visuais tenham todos estes e outros benefícios, existe o Comité National pour la Promoution Sociale des Aveugles, formado por 16 associações de cegos, que tem por missão defender em todos os campos os interesses das pessoas deste segmento social. A este Comité está confiada, por um lado, a missão de elaborar propostas de lei, que apresenta ao Governo, e, por outro, a de estabelecer um plano de actuação a nível nacional, para que entre as 200 associações existentes em França, não haja atritos.

Entre essas 16 associações, figuram a Valentin Haiiy (uma das mais poderosas de França, que tem a sua sede em Paris e delegações em quase todos os departamentos e que, além de lares para estudantes e para idosos, tem um centro de educação para as alunas que não podem, por incapacidades de natureza diversa, acompanhar o ritmo das classes normais); a Croisade des Aveugles (que tem um papel mais espiritual que temporal); a Union des Aveugles de Guerre (que congrega todos os indivíduos que cegaram em actividades militares); l'Amitié des Aveugles de France (que é, a bem dizer, um sindicato que tem por missão conseguir para os seus associados, da parte do Governo e das empresas, o máximo de regalias); l'Union des Masso-Kinésithérapie, l'Amical de Standardistes Aveugles, l'Association Général des Musiciens Aveugles.

Até agora não nos ocupámos especialmente com os 15000 indivíduos deficientes visuais que se encontram em idade de trabalhar. Dizemos 15000, porque, dos 40000 existentes em França, 23000 ultrapassam já os 60 anos e 2000 não atingiram ainda os 20 anos, estando, portanto, em idade de formação.

Destes 15000, muitos há que ainda não se conseguiram empregar. O Centre de Formation Professionnelle de Belville, até hoje, somente encontrou emprego para 70% dos seus antigos estagiários. A colocação de pessoas com deficiência visual tanto na função pública como nas empresas privadas, torna-se cada vez mais difícil, porque, às já existentes dificuldades a vencer, vem-se juntar o grande problema da automatização dos serviços.

Os que se encontram empregados distribuem-se por diversos ramos de actividade, ou seja, muitos em fábricas ou em pequenas oficinas; outros em laboratórios médicos; cerca de 1000 em fisioterapia — o que representa 5% dos fisioterapeutas existentes no País —; são músicos também cerca de 1000; 500 a 600 são telefonistas; muitos outros empregam-se nas áreas de secretariado, como de estenodactilógrafos, correspondentes, etc.

No que concerne a actividades de natureza intelectual, podemos referir a existência de advogados, juizes, directores comerciais (nos serviços de pessoal da Shell e da Air France, os respectivos directores são deficientes visuais); cerca de 150 professores dos liceus para alunos normovisuais, além dos muitos que exercem funções em estabelecimentos de ensino para pessoas com deficiência visual, são igualmente cegos.

Nestas funções de natureza intelectual, estes profissionais têm, por um lado, ao seu serviço um secretário que lhes presta os necessários auxílios e, por outro, usufruem do pagamento, por parte do Estado, de uma boa parte do salário de um assistente que, nas aulas, com ele colabora, ocupando-se de determinadas tarefas.

É evidente que tudo isto é apenas possível graças à boa preparação destes profissionais para as funções que se propõem desempenhar, e ao espírito dos responsáveis deste país (bem diverso daquele que reina entre nós), que colocam ao serviço da nação, todos os reais valores existentes, não os marginalizando, mas criando condições que permitam debelar todo e qualquer tipo de limitação.

Deixámos para o fim a área da cultura, não por que esta nos mereça menos atenção que as restantes, mas sim, por uma questão de obediência a um esquema que, desde início, nos propusemos seguir.

Em França, o enriquecimento cultural dos cidadãos com deficiência visual não é menos considerado que os outros aspectos que concorrem para a obtenção da cidadania plena. Na sua promoção se empenham organizações privadas que têm o apoio do Estado, sendo a ASSociation Valentin Haüy uma das mais relevantes. Nela, ao visitarmos os seus diversos serviços que detalhadamente observámos, e ao dialogarmos com os seus funcionários que, na maioria, são deficientes visuais, encontrámos motivos mais que suficientes para crer que os aspectos de natureza cultural são alvo de uma atenção muito especial.

No edifício, onde a associação está sediada, que foi construído com o concurso do ministério de la Santé Publique et de la Sécurité Sociale funcionam, além dos centros de formação já mencionados, um serviço de cópia, uma imprensa Braille, um serviço de áudio-gravação, encontrando-se ainda lá, não só a biblioteca literária e a musical, como também a fitoteca áudio.

No centro de cópia trabalham funcionários com deficiência visual que, para além de terem de ensinar o sistema Braille a copistas normovisuais que em suas casas transcrevem gratuitamente espécies bibliográficas para a Valentin Haiïy, têm de corrigir os livros transcritos por esses voluntários, e refundir as páginas que estejam menos perfeitas. Os voluntários, que já ultrapassam as sete centenas e que se encontram espalhados por todo o território, transcrevem para Braille os textos escritos em caracteres comuns, fazendo esse trabalho à pauta.

A Valentin Haiïy mantém noutras cidades, nomeadamente em Nice, Marselha, Lyon, centros que funcionam do mesmo modo que este serviço de cópia.

No serviço de áudio-gravação, onde se processa o registo de livros em fita magnética, e à cópia destes conteúdos para cassetes c.90, os locutores que procedem à leitura, são também voluntários que não auferem qualquer tipo de remuneração, sucedendo o mesmo em Lyon, nos serviços que a Valentin Haiïy lá mantém em funcionamento.

É o registo feito em fita magnética, porque esta permite a obtenção de uma muito melhor qualidade de gravação.

Estes serviços estão equipados com o mais moderno material. Têm cabinas com óptimas condições de trabalho, onde estão instalados gravadores de som de alta fidelidade, com os comandos localizados, não só no exterior, como também no interior destas, facto que permite ao leitor solucionar qualquer eventualidade que porventura venha a surgir. No que concerne ao sector onde é feita a transferência dos conteúdos gravados para cassetes, está este equipado com poli copiadores que permitem que cada unidade realize 3 fonocópias em simultâneo.

A imprensa não terá um equipamento diferente daquele que existe em qualquer outra do mesmo género; contudo, para nós, que não conhecemos outras, foi realmente admirável observar a velocidade e a perfeição com que lá se produzem livros.

Além desta e de uma outra imprensa, existente em Lyon, que também é pertença da Valentin Haiïy, outras existem em França, nomeadamente a do Institut de Jeunes Filles Aveugles e a da Association pour les Aveugles.

No que respeita à biblioteca literária da Association Valentin Haiïy, digamos que o seu conteúdo é constituído somente por unidades bibliográficas em língua francesa, tendo já nas suas estantes depositados cerca de 180000 volumes (na sua maioria manuscritos), ou seja, cerca de 30000 títulos.

Registe-se que todas estas obras literárias estão à disposição, não só dos deficientes visuais franceses que as solicitem, como também dos estrangeiros, podendo ser enviadas pelo correio, a título de empréstimo, ou consultadas localmente.

Acresce ainda, que em França existem outras bibliotecas que de igual modo são usufruídas pelos seus naturais utentes. São estas em número bastante elevado, pois que, além das que a Valentin Haiïy mantém em Lyon, Marselha e Nice, quase todas as associações e escolas possuem a sua própria, reforçando-se assim o acesso aos livros aos que deles têm necessidade.

Concluindo, vejamos o que ocorre dizer-se no que concerne ao fluxo de utilização deste património bibliográfico. Se às 20000 obras (mais de 100000 volumes) que a biblioteca da Valentin Haiïy empresta anualmente, se juntarem todas as outras pertencentes a diversas bibliotecas francesas, que são lidas durante o mesmo espaço de tempo, chegamos forçosamente à conclusão de que os livros neste país são realmente uma fonte cultural relevante, a que os seus naturais usufrutuários recorrem intensamente.

Não esquecendo o património musical disponível em Braille, digamos que este é constituído por inúmeras partituras (principalmente de música clássica), tanto manuscritas como impressas, as quais, do mesmo modo que as das unidades

bibliográficas literárias, estão ao dispor, a título de empréstimo, de todos os que delas tenham necessidade.

A fitoteca, que, embora exista à relativamente pouco tempo, tem um acervo que ascende a 100000 audiocassetes c.90, 50000 discos e c0000 bobinas, registando também, anualmente, um considerável movimento.

Finalizando, entendemos que seria útil tecer aqui algumas considerações em termos de comparação do que se passa entre nós com o que acabamos de expor; todavia, dispensamo-nos de o fazer, porque isso, na nossa óptica, ultrapassa o âmbito de um relatório desta natureza.

Nota final

Foi este relatório produzido por Isidro E. Rodrigues, que, com Carlos Rebelo, e Armindo Novais chefiaram o grupo que a Paris se deslocou, constituído por Salvino Ferreira, Fernando de Freitas, Cláudia Trigo, Francisco Alves, Felicidade dos Remédios, Felicidade Irene Trigo, António Campeã, João Botelho e Vitorino Serra.